

340.1
B823p
(5487)
T668



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
ESCOLA SUPERIOR DO MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO
DO CEARÁ

A PEDAGOGIA EM KANT
(SOBRE A PEDAGOGIA)

Márcio José Temóteo Horizonte Brasileiro

Fortaleza-Ceará

2010

Márcio José Temóteo Horizonte Brasileiro

**A PEDAGOGIA EM KANT
(SOBRE A PEDAGOGIA)**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Filosofia Moderna do Direito, da Universidade Estadual do Ceará em convênio com a Escola Superior do Ministério Público do Estado do Ceará.

Orientador: Professor Doutor Reginaldo da Costa

Fortaleza-Ceará

2010

MÁRCIO JOSÉ TEMÓTEO HORIZONTE BRASILEIRO

PEDAGOGIA EM KANT

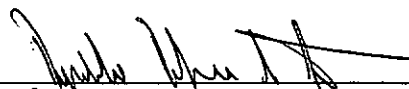
(Sobre a Pedagogia)

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Filosofia Moderna do Direito – Turma II da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista em Filosofia Moderna do Direito.

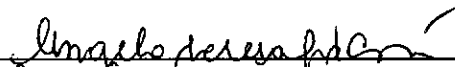
Aprovada em 17/03/2010

Conceito obtido: Satisfatória

BANCA EXAMINADORA



Prof.^o Dr. Reginaldo Rodrigues da Costa
Universidade Estadual do Ceará-UECE
Universidade Federal do Ceará-UFC



Prof.^o Ms. Angela Teresa Gondim Carneiro Chaves
Escola Superior do Ministério Público do Estado do Ceará-ESMP-CE



Prof.^o Ms. Lise Alcântara Castelo
Escola Superior do Ministério Público do Estado do Ceará-ESMP-CE

Agradecimentos

*Para Victor, Adaila e Nazaré, a família.
Ao meu orientador Prof. Dr. Reginaldo da Costa.
Também aos amigos conquistados na ESMP-Ce.
A minha gratidão eterna, por fazerem parte da minha
história.*

"A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino. Entre as descobertas humanas há duas difíceis e são: a arte de governar os homens e arte de educar."

KANT, 1786

RESUMO

O presente trabalho apresenta como tema de estudo o conceito de pedagogia de Immanuel Kant, visando objetivamente fazer uma apreciação sobre a pedagogia trabalhada pelo filósofo. O método de exposição será essencialmente no sentido de buscar entender Kant a partir de uma leitura atenta do texto, priorizando com maior destaque a escolha dos trechos relevantes que proporcionem uma demonstração, uma exposição clara e fiel do que seja a pedagogia para ele. O princípio Kantiano, apresentado na obra em questão, demonstra a afirmação do filósofo de que o homem só se torna plenamente humano através da educação. Educação esta que não deve ser somente a educação formal, acadêmica, das escolas, mas sim a educação total do ser humano, desde o seu nascimento, aleitamento, tratamento no ambiente familiar, social, moral. O princípio da pedagogia kantiana postula que os povos, através de uma educação moralmente justa, formem um ser humano moralmente justo em sua plenitude e que é somente agindo assim que a paz universal poderá ser alcançada, proporcionando a plenitude da vida em sociedade.

Palavras-chave: Pedagogia, Física, Prática, Moralidade e Direito

ABSTRACT

The present work presents as study subject the Concept of Pedagogia de Immanuel Kant, aiming at objective to make an appreciation on the pedagogia worked for the philosopher. The exposition method will be essentially in the direction to search to understand Kant from a intent reading of the text, prioritizing with bigger prominence the choice of the excellent stretches that provide a demonstration, a clear and faithful exposition of what it is the pedagogia for it. The kantiano principle, presented in the workmanship in question, demonstrates the affirmation of the philosopher of whom the man alone if becomes fully human through the education. Education this that does not only have to be the formal education, academic, of the schools, but yes the total education of the human being, since its birth, aleitamento, treatment in the familiar, social, moral environment. The beginning of the kantiana pedagogia he claims that the peoples, through an education morally joust, morally form a human being just in its fullness and that is only acting as soon as the universal peace could be reached, providing the fullness of the life in society.

Key-Word: Pedagogia, Physics, Practical, Morality and Right

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. Sobre a necessidade da educação para tornar o ser humano plenamente sociável moralmente.....	11
2. Sobre a Educação Física.....	17
3. Sobre a Educação Prática.....	27
Considerações finais.....	37
Referências bibliográficas.....	39

INTRODUÇÃO

Das obras de Immanuel Kant, apresentaremos os seus escritos relacionados à educação, que resultaram no livro “Sobre a Pedagogia”, onde aqui destacaremos os vários conceitos do filósofo sobre o assunto. E para entendermos melhor, destaca-se que muitos dos princípios expostos de forma sucinta, são amplamente discutidos em outras obras de Kant, que aqui podemos destacar como a “Metafísica dos Costumes” e a “Crítica da Razão Prática”, entre outras, e por não ser objeto deste trabalho não serão aqui abordadas.

“*Sobre a Pedagogia*” é o nome da obra de Immanuel Kant que será tratada neste trabalho. Nosso objetivo é demonstrar que nesta obra ele trabalha com a educação para a formação moral e ética do homem. A educação é apresentada como uma das mais importantes ferramentas para se tentar formar moral e eticamente o ser humano digno de viver em sociedade, respeitando os direitos dos outros, alcançando-se com isso o bem estar social de toda a comunidade. Neste trabalho, vimos que Kant faz uma nítida ligação entre a educação e a política.

O presente trabalho tem como objetivo um estudo da obra de Kant, “*Sobre a Pedagogia*”, na qual o filósofo preocupa-se com a educação do homem. Na presente obra, Kant afirma que o homem não pode se tornar verdadeiramente homem senão pela educação, porque ele é aquilo que a educação faz dele. A educação é a arte de desenvolver no homem a disposição para o bem. O homem não é bom nem mau por natureza. Ele se torna moralmente bom apenas quando eleva a sua razão até os conceitos do dever e da lei. Logo, aprender a ser homem significa aprender a deixar-se, progressivamente, guiar pela lei moral; e o enfrentamento corajoso e a habilidade de abandonar a menoridade e transformar-se em autônomo.

O livro “*Sobre a Pedagogia*”, é uma obra pequena dividida em três partes, que são: “*Introdução*”, capítulo 1, intitulado “*Sobre a Educação Física*” e capítulo 2, intitulado “*Sobre a Educação Prática*.”

A obra estudada foi por ele elaborada nos períodos letivos em que foi convocado para ministrar pedagogia aos estudantes da Universidade de Königsberg. Como era de costume, os professores de filosofia deviam regularmente ministrar pedagogia, revezando-se. Destacamos que a obra "*Sobre a Pedagogia*", constitui-se de textos que foram elaborados por Kant como notas de aulas, cujas mesmas foram catalogadas por um de seus alunos, Friedrich Theodor Rink, e publicadas no ano de 1803, um ano antes da morte de Kant. Tais notas de aulas referem-se aos períodos de 1776/77, 1783/84 e 1786/87.

Nesse trabalho, exporemos, em um primeiro momento, como o filósofo alemão definiu de uma maneira geral a educação e como ela devia ser ministrada aos seres humanos desde o seu nascimento, assuntos estes que estão relacionados à introdução da obra acima citada. Posteriormente nos reportaremos ao que Kant denominou educação física, esta relacionada com a educação do corpo do ser humano. Em um terceiro momento, abordaremos o que Kant chamou de educação prática, sendo esta a educação moral relacionada com o caráter do ser humano, que é a mais importante na tentativa de formar um ser moralmente ético advindo da educação na formação do seu caráter.

Com este trabalho, o que se pretende demonstrar é a visão de Kant sobre a pedagogia, considerada por ele como imprescindível para a formação moral do ser humano, para que este possa ser moralmente ético no seu comportamento e na sua conduta como ser social, para que ao cumprir as normas, por ele elaborada possa haver uma convivência racional onde todos devem respeitar os limites de cada um como uma forma de se alcançar a paz universal.

1. SOBRE A NECESSIDADE DA EDUCAÇÃO PARA TORNAR O SER HUMANO PLENAMENTE SOCIÁVEL MORALMENTE

A obra "Sobre a Pedagogia" de Kant sofreu a influência dos princípios de Johann Bernhard Basedow, seu contemporâneo, que desenvolveu um sistema de educação total, onde o homem deveria ser educado em sua totalidade desde a infância onde postulava o valor do trabalho na formação do homem. Ambos defendiam que a educação deveria ser cada vez mais aperfeiçoada e que era através deste aperfeiçoamento, que o ser humano conseguiria progressivamente atingir níveis de desenvolvimento cada vez melhores.

Ao definir pedagogia, aponta a necessidade da educação racional como imprescindível para a formação moral e ética do homem no intuito de obtenção da paz mundial. Portanto, para ele:

O homem precisa da formação escolástica, ou da instrução, para estar habilitado a conseguir todos os seus fins. Essa formação lhe dá um valor em relação a si mesmo, como indivíduo. A formação da prudência, porém, o prepara para tornar-se um cidadão, uma vez que lhe confere um valor público. Desse modo ele aprende tanto a tirar partido da sociedade civil para os seus fins como a conformar-se à sociedade. Finalmente a formação moral lhe dá um valor que diz respeito à inteira espécie humana. (KANT 2006, p. 35)

Faz bem um paralelo entre os objetivos dos pais de família e dos príncipes e entre as educações públicas e privadas.

Na pedagogia, Kant apresenta como elemento principal do resultado da educação o homem moral. Vamos destacar as suas influências intelectuais para demonstrar como foi que o filósofo alemão chegou aos seus resultados. Foi Rousseau o grande inspirador e direto influenciador de Kant em sua concepção sobre a infância e nos conselhos práticos para a primeira educação do ser humano.

Na introdução de “Sobre a Pedagogia”, (KANT 2006, p. 11) diz que “o homem é a única criatura que precisa ser educada”, fazendo uma distinção entre o ser humano e o mundo animal. Entenda-se por este, mundo animal irracional. Também na introdução o filósofo alemão já começa definindo o que ele entende por educação de uma forma bem geral, dizendo que “por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Conseqüentemente, o homem é infante, educando e discípulo.” (KANT 2006, p. 11)

E ao apresentar um paralelo entre os seres humanos e o mundo animal, ele afirma que desde o nascimento os animais irracionais não precisam de educação, mas somente de cuidados por pouco tempo. Já os seres humanos, quando nascem, precisam de cuidados, amor, carinho e educação e por um período muito mais prolongado de vida. A pedagogia kantiana afirma que a disciplina é quem educa o ser humano transformando a animalidade em humanidade. É através da educação que “a espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais, que pertencem à humanidade.” (KANT 2006, p. 12)

Kant faz, ainda, uma contraposição entre disciplina e instrução ao afirmar que a primeira, em um dado momento, se apresenta como negativa e a segunda é educativa.

A disciplina é o que impede ao homem de desviar-se do seu destino, de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais. Ela deve, por exemplo, contê-lo, de modo que não se lance ao perigo como um animal feroz, ou como um estúpido. A disciplina, porém, é puramente negativa, porque é o tratamento através do qual se tira do homem a sua selvageria; a instrução pelo contrário, é a parte positiva da educação. (KANT, 2006, p. 12-13)

Para o filósofo alemão as crianças devem ser colocadas nas escolas o mais cedo possível, para que comecem a se habituar com a educação e “um erro, no qual se cai comumente na educação dos grandes, é o de não lhe opor nenhuma resistência durante a juventude, porque estão destinados a comandar.” (KANT 2006, p. 14)

O principal resultado a ser alcançado com a pedagogia kantiana é a formação do homem moral, que se dá através da educação, sendo esta primordial para o desenvolvimento e o progresso do ser humano. O resultado alcançado pela educação depende da capacidade do homem em desenvolver seus interesses para a promoção do bem. O que irá transformar tais interesses, é uma rígida e sólida educação. O filósofo alemão aponta que, o homem moral é o objetivo principal da educação.

Outro ponto importante está relacionado à formação profissional dos educadores, tanto pais, quanto mestres. Estes devem receber educação de qualidade para transmitirem aperfeiçoadamente o que aprenderam, cumprindo com maestria tal tarefa educacional. Em contraponto, se essa tarefa for realizada por pessoas despreparadas, a educação poderá ser prejudicial e levar à degradação dos avanços já conquistados. Tal observação não poderia se apresentar como mais atual, visto que a educação em nossos dias é uma lástima e umas das piores do mundo. As afirmações kantianas, relacionadas à educação, nos faz refletir sobre a problemática da formação dos educadores.

Em sua compreensão “o homem não pode se tomar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação faz dele.” (KANT 2006, p. 15). Com esta afirmação Kant começa a aprofundar a sua definição de educação. O pensador afirma que a educação é uma arte carente de várias gerações para ser aperfeiçoada.

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino. (KANT, 2006, p. 19)

Afirma, também, que “entre as descobertas humanas há duas difficilimas, e são: a arte de governar os homens e a arte de educá-los.” (KANT 2006, p. 20). Para

o autor a educação não está plenamente acabada, aperfeiçoada, visto que esta é uma das grandes descobertas da humanidade e que é difícil de ser aplicada ao ser humano, isto em decorrência da complexidade e diversidade da humanidade, da racionalidade. A educação está em um constante processo de mutação e aperfeiçoamento tomando-se por base os avanços das gerações anteriores. Depois de definir educação, apresenta um princípio de pedagogia: *“não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a idéia de humanidade e da sua inteira destinação.”* (KANT 2006, p. 22)

Sobre a educação dada pelos pais aos seus filhos, o filósofo afirma que *“de modo geral, os pais educam seus filhos para o mundo presente, ainda que seja corrupto. Ao contrário, deveriam dar-lhes uma educação melhor, para que possa acontecer um estado melhor no futuro.”* Ele faz um paralelo entre os pais e os príncipes, quando afirma que *“os pais cuidam da casa, os príncipes, do Estado.”* (KANT 2006, p. 22)

Também aponta o autor que as ações e objetivos entre os príncipes e os súditos, questionando a finalidade de ambos indagando que: *“de quem deve provir o melhoramento do estado social? Dos príncipes, ou dos súditos, no sentido de que estes se aperfeiçoem antes por si mesmos e façam meio caminho para ir ao encontro de bons governos?”* (KANT 2006, p. 23). E responde: *“A direção das escolas deveria, portanto depender da decisão de pessoas competentes e ilustradas.”* (KANT 2006, p. 23)

Também faz uma comparação entre as escolas públicas e privadas, procurando mostrar as vantagens e desvantagens de cada uma e destaca que *“não é suficiente treinar as crianças; urge que aprendam a pensar.”* (KANT 2006, p. 27)

No olhar crítico do filósofo, encontramos o valor do homem educado. Ele considera que está na educação dos homens em geral a responsabilidade de formar aqueles que podem chegar ao poder visando um bem maior para toda a sociedade. O filósofo alemão afirma que estão nas pessoas em particular a difusão dos esforços para a melhoria e o progresso da humanidade e que os príncipes, na

maioria das vezes, não agem além de seus próprios interesses particulares e tratam seus súditos como instrumentos para atingir os seus objetivos próprios privados.

Alguns detentores do poder consideram, de uma certa maneira, que o seu povo é uma parte do reino animal e o possui apenas para a satisfação dos seus interesses particulares, privados, aumentando com isso os seus ganhos. Deste modo, o príncipe permite ao súdito um aumento de habilidade é única e exclusivamente no intuito de atingir seus objetivos, na obtenção de conseguir vantagens privadas. Nas palavras de Kant:

Alguns poderosos consideram, de certo modo, o seu povo como parte do reino animal e têm em mente apenas a sua multiplicação. No máximo desejam que eles tenham um certo aumento de habilidade, mas unicamente com a finalidade de poder aproveitar-se dos próprio súditos como instrumentos mais apropriados para aos seus designios. (KANT, 2006, p. 25)

Portanto, em *"Sobre a Pedagogia"* (2006), Kant, após fazer uma introdução, procurando definir e delimitar o que é a educação, divide a pedagogia em dois capítulos. O primeiro capítulo o filósofo alemão denomina de educação física e fala sobre a parte da preparação do corpo físico do ser humano desde o nascimento. É nessa parte que podemos encontrar o maior número de indicações acerca dos cuidados que devem ser dispensados às crianças, para serem atendidas em suas necessidades básicas de sobrevivência. No segundo capítulo, que Kant denomina de educação prática ou moral, refere-se à liberdade, mais relacionada com a moral do ser humano, com a formação de sua personalidade.

E assim se manifestou o autor dividindo a educação em física e prática. Sobre a pedagogia ou doutrina da educação, destaca que *"a educação física é aquela que o homem tem em comum com os animais, ou seja, os cuidados com a vida corporal"* (KANT 2006, p. 34) Sobre a outra educação, a prática ou moral, a doutrina diz que *"é aquela que diz respeito à construção (cultura) do homem, para que possa viver como um ser livre."* (KANT 2006, p. 34-35)

Ele conclui a sua introdução afirmando que “a educação consiste:

1. na cultura escolástica ou mecânica, a qual diz respeito à habilidade: é, portanto, didática (informativa);
2. na formação pragmática, a qual se refere à prudência;
3. na cultura moral, tendo em vista a moralidade.” (KANT 2006, p. 35)

2. SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA

Kant coloca como primeiro princípio para a educação do ser humano a educação física, onde o indivíduo deve receber primeiro a educação que vise a preservar o estado físico da criança, dando-lhe condição de sobrevivência, está inexistente se a criança for abandonada a sua própria sorte. A “*Educação Física*” kantiana determina como prioritário para a sobrevivência de uma criança que ela deve receber toda a educação disponível. Quando uma criança nasce deve ter todos os cuidados dispensados pelos seus pais, filho este que será um aliado, confidente e consultor, quando da chegada de um segundo filho, sucedendo-se assim a cultura e a educação de uma determinada sociedade.

Na divisão que o autor apresenta da pedagogia, a educação física, que se verifica como imprescindível, é a primeira educação que deve ser ministrada às crianças, quando estas nascem, como um primeiro estágio da vida humana. Para ele “*a educação física consiste propriamente nos cuidados materiais prestados às crianças ou pelos pais, ou pelas amas de leite, ou pelas babás. O alimento destinado pela natureza à criança é o leite de sua própria mãe.*” (KANT 2006, p. 37)

Partindo desta afirmação, o filósofo faz uma verdadeira defesa da utilização do leite materno para o desenvolvimento do recém nascido, como primeiro momento da educação, rechaçando a utilização de qualquer outro tipo de leite ou de qualquer outro alimento. Também destaca a criação das crianças em outros países que são nutridas com alimentos diversos do leite materno, ou das amas de leites, muitas delas morrem.

Em seguida explana sobre os problemas da temperatura dos banhos nos bebês, aconselhando a não se utilizar nenhum excitante nos mesmos. Afirma, também, que não se deve usar faixas nos bebês, mencionando e citando vários outros povos, relacionando às várias maneiras de se ninar o bebê criticando-as. Aqui destacamos que, segundo o autor, os bebês das pessoas pobres são mais mal acostumados que os bebês das pessoas ricas, visto que aquelas, agem como os

macacos, brincando, ninando, aconchegando as crianças quando estão insatisfeitas com alguma coisa, enquanto que estas colocam os cuidados de seus filhos sob a responsabilidade das babás, que não dão amor e carinho paternos, mas sim cuidados profissionais. Na obra o autor (KANT 2006, p. 43) destaca que “os bebês do povo são mais mal-acostumados que os das elites. Uma vez o povo brinca com eles, como fazem os macacos. Cantam para eles, acariciam, beijam, dançam com eles.”

Destaca a importância de boa utilização e aplicação dos costumes para os cuidados com o bebê, que ainda não tem nenhuma idéia do que sejam esses costumes, para que os mesmos não sejam arruinados em suas disposições naturais e no futuro seja necessária aplicação da força.

Certamente o bebê ainda não tem nenhuma idéia dos costumes, mas, se arruinamos as suas disposições naturais, para remediar ao mal será necessário aplicar-lhe depois duríssimas punições. E se queremos desacostumar os bebês de verem satisfeitos imediatamente os seus caprichos, eles choram com tanta raiva, como se tal não fosse possível senão a adultos, com a diferença de que não continuam unicamente porque suas forças acabam. Enquanto precisam apenas chorar e tudo acontece ao redor, eles dominam como verdadeiros déspotas. Quando cessa esse domínio, isso aborrece muito. Porque, mesmo para gente grande que esteve no poder por algum tempo, resulta muito penoso desacostumar-se dele de modo forçado. (KANT, 2006, p. 44).

Afirma que o bebê aos três meses de vida ainda não consegue enxergar direito, vendo somente vultos e com a visão também se desenvolvem o riso e o choro. Nessa idade o bebê não deve ser contrariado em sua vontade a não ser que esteja mal acostumado. (KANT 2006, p. 44-45)

O filósofo alemão também critica a utilização de faixas e carrinhos como auxiliares dos bebês para estes possa aprender a andar, porque isto não é inerente a sua natureza. Destaca que essa é uma educação negativa. Diz que o melhor é deixar a criança engatinhar até aprender a andar. Também afirma que são colocados enchimentos de panos para que as crianças não machuquem o rosto no chão, o que é negativo, visto que a mesma tem os seus instintos naturais para proteção, como por exemplo, ao cair projetam as mãos para frente, instintivamente

para se protegerem. O certo seria colocar mantas e cobertores no chão para a proteção da criança.

Aconselha que deveriam ser utilizados poucos instrumentos na educação dos bebês e, inclusive, tem como opinião que as crianças deveriam aprender a escrever sozinhas, citando o fato de que alguém inventou a escrita e não a recebeu pronta. Portanto, se o bebê quisesse alguma coisa, começaria a desenhar o objeto almejado e posteriormente a escrever a primeira letra deste objeto até poder escrever a palavra inteira. (KANT 2006, p. 46-47)

Com relação às crianças que nascem com alguma deformidade física, o filósofo alemão critica alguns métodos utilizados, por alguns, para tentar corrigir tais deformidades, destacando que muitos dos utensílios utilizados ao invés de ajudar chegam a prejudicar, visto que não deixam os músculos livres para que estes possam se exercitar livremente. Cita, que com o emprego de determinados tratamentos, principalmente os empregados pelos Russos, o fato de que muitas crianças chegam a morrer. Para o filósofo, não se deve acostumar as crianças com coisas excitantes, como por exemplo, ao tabaco, as aguardentes, as bebidas quentes, visto que será difícil desacostumá-las. (KANT 2006, p. 46) Para Kant: *"Quanto mais costumes tem um homem, tanto menos é livre e independente."* (ibidem)

Faz o filósofo um paralelo entre o homem e o animal irracional, no que se refere aos costumes afirmando que: *"Acontece aos homens o mesmo que acontece aos animais: ele conserva sempre uma certa inclinação para os primeiros hábitos: daí ser imperioso impedir que a criança se acostume a algo; não se pode permitir que nela surja hábito algum."* (KANT 2006, p. 48-49)

Segundo ele, muitos pais querem que seus filhos se habituem a tudo, no entanto os animais irracionais têm seus hábitos de alimentação e de repouso, que foi lhes dado pela natureza, e o homem também deveria seguir os seus hábitos naturais de repouso e de alimentação.

O filósofo alemão afirma, ainda, sobre a índole que, em certo momento, pode ser chamada de física, visto que, "*é preciso sobretudo cuidar para que a disciplina não trate as crianças como escravos, mas sim que faça que elas sintam sempre sua a liberdade, mas de modo a não ofender a dos demais: daí que devem encontrar resistência.*" ((KANT 2006, p. 50) Critica os pais que recusam tudo a seus filhos no intuito de os discipliná-los, dizendo que isto é crueldade. Defende que: "*Dê-se à criança tudo o que ela precisa e depois seja dito: 'Você já tem o suficiente!'*" (KANT 2006, p. 50). Acostume-se a dar para a criança somente o que lhe é útil sem dar atenção aos seus gritos e assim ela aprenderá a ser sincera.

Não se deve, para ele, repreender de uma forma grosseira uma criança, nem aos gritos, de modo a chamar a sua atenção rebaixando-a, como por exemplo: perguntando se ela não tem vergonha? Isso deixará a criança embaraçada diante das outras pessoas tornando-a uma criança tímida. E arrebatava o filósofo alemão, dizendo que: "*De fato, muitas fraquezas do homem não provêm da falta de ensinamento, mas daquilo que lhes comunicam as falsas impressões.*" (KANT 2006, p. 52)

Por fim, Kant faz uma conclusão da parte positiva da educação física dizendo que é a cultura e faz uma compilação do que ele considera como positivo na cultura.

A parte positiva da educação física é *cultura*. Por ela o homem se distingue do animal. A cultura consiste notadamente no exercício das forças da índole. Portanto, os pais devem criar para os filhos ocasiões favoráveis. A primeira e essencial regra é dispensar, enquanto possível, todo instrumento. É preciso, pois, abolir o uso das faixas e do carrinho, deixando que a criança se arraste pelo chão até que aprenda a caminhar por si mesma, uma vez que, dessa forma, andar com mais segurança. Assim, servimo-nos de uma corda para medir uma certa distância, mas pode-se fazê-lo simplesmente com o olhar; valendo-nos de um relógio para determinar a hora, mas bastaria olhar a posição do Sol; servimo-nos de uma bússola para nos orientar numa floresta, mas podemos sabê-lo também observando o Sol, se é dia, ou as estrelas, se é de noite. Acrescentemos que, em vez de nos servirmos de um barco para atravessar a água, podemos nadar. (KANT, 2006, p. 53)

Destaca, também, que as crianças devem exercitar-se por si mesmas através das brincadeiras que lhes dêem prazer e destaca várias das brincadeiras que considera como fundamentais para boa formação física da criança.

Kant destaca, ainda, a cultura da alma, dizendo que esta também pode ser chamada de física, pois há uma distinção entre liberdade e natureza, tendo em vista que impor normas à liberdade é completamente diferente de cultivar a natureza. Afirma o filósofo que *a natureza do corpo e da alma concordam no seguinte: "cultivando-as, deve-se procurar impedir que se corrompam mutuamente e buscar que a arte aporte algo tanto àquele como a esta. Pode-se, portanto, em um certo sentido, qualificar de física tanto a formação da alma quanto a do corpo."* Devem ser cultivadas ambas para que não se corrompam.

Chegamos, assim, à cultura da alma, que de certo modo podemos chamar também de física. Deve-se distinguir liberdade e natureza. Dar leis à liberdade é completamente diferente de cultivar a natureza. A natureza do corpo e da alma concordam no seguinte: cultivando-as, deve-se procurar impedir que se corrompam mutuamente e buscar que arte aporte algo tanto àquele como a esta. Pode-se, portanto, em um certo sentido, qualificar de física tanto a formação da alma quanto a do corpo. (KANT, 2006, p. 59)

Faz a distinção entre: formação física da alma e formação moral. Em tal distinção, compreende o filósofo alemão que a formação física da alma refere-se à natureza e a formação moral refere-se à liberdade do ser humano. Assim é necessário fazer a distinção da formação física da formação prática, ou pragmática ou moral, tendo em vista que nesta temos a cultura e não a moral. O filósofo assim se expressou: *"essa formação física da alma se distingue da formação moral, pois que esta se refere à liberdade, aquela, apenas à natureza."* E continua: *"é preciso distinguir a formação física da formação prática, sendo esta pragmática ou moral. Nesta última, temos a moralização e não a cultura."* (KANT 2006, p. 59)

Mas essa formação física da alma se distingue da formação moral, pois que esta se refere à liberdade, aquela, apenas à natureza. Um ser humano pode ter uma sólida formação física, pode ter um espírito muito bem formado, mas ser mau do ponto de vista moral, sendo desse modo uma criatura má. - É preciso distinguir a formação física da formação prática, sendo esta pragmática ou moral. Nesta última, temos a moralização e não a cultura. (KANT, 2006, p. 59)

O autor divide a cultura física do espírito, em cultura livre e cultura escolástica. A primeira se apresenta como se fosse uma brincadeira, ligada às crianças devendo ser encontrada naturalmente nos alunos. E a segunda, sendo uma coisa séria, é uma obrigação.

Dividimos a cultura *física* do espírito em cultura *livre* e cultura *escolástica*. A cultura *livre* é semelhante a um divertimento, ao passo que a *escolástica* é coisa séria. A primeira é aquela que deve se encontrar naturalmente no aluno; na segunda, ele pode ser considerado como que submetido a uma obrigação. Pode-se estar ocupado até mesmo no jogo, como se diz: ocupado no ócio; mas pode-se estar ocupado na obrigação, e isso se chama trabalho. A cultura escolástica deve ser, pois, um trabalho para a criança, e a cultura livre, um divertimento. (KANT, 2006, p. 59-60)

Em seguida, cita que foram propostos vários planos educacionais e discorre sobre eles criticamente. Afirmou que o homem, desde crianças, deveria aprender a trabalhar, visto que é o único ser vivo que tem que trabalhar para sobreviver. Discorre também sobre fatos relacionados com a aprendizagem. Como aprender, geografia, matemática, física, biologia, química, etc. e todas as ciências em geral utilizando as técnicas indicadas em seus apontamentos sobre a pedagogia.

O filósofo alemão apresenta "*uma idéia sistemática do fim global da educação e do modo como consegui-lo*". (KANT 2006, p. 67) Ele dividiu a educação em: 1. Cultura geral da índole (subdividindo esta em: a. física; ou b. moral) e 2. Cultura particular da índole. Sobre aquela o filósofo afirma que ela é distinta da particular, afirmando que:

Aquela se dirige à habilidade e ao aperfeiçoamento; não no sentido de informar algo particular ao aluno, mas no de fortificar a índole. Ela é: a) ou física, e tudo depende da prática e da disciplina, sem que a criança precise conhecer nenhuma máxima. É cultura passiva em relação ao discípulo, o qual deve seguir orientações de outrem. Outros pensam por ele; b) ou moral: esta se fundamenta em máxima e não sobre a disciplina. Perde-se tudo quando se a quer fundamentar sobre o exemplo, sobre ameaças, sobre punições etc. Tornar-se-ia, então, uma mera disciplina. É preciso cuidar para que o discípulo aja segundo suas próprias máximas, e não por

simples hábito, e que não faça simplesmente o bem, mas o faça por que é bem em si. Com efeito, todo o valor moral das ações reside nas máximas do bem. Entre a educação física e a educação moral existe essa diferença: a primeira é passiva em relação ao aluno, enquanto a segunda, ativa. É necessário que ele veja sempre o fundamento e a consequência da ação a partir do conceito do dever. (KANT, 2006, p. 67 a 68)

Sobre a *cultura particular da índole* o autor conclui que: “*aqui têm lugar a inteligência, os sentidos, a imaginação, a memória, a atenção e a espirtuosidade, o que também diz respeito às potências inferiores do entendimento.*” (KANT 2006, p. 68-69) Ele destaca que a cultura dos sentidos, por exemplo, da vista. Já sobre a imaginação, Kant afirma que as crianças são dotadas de uma imaginação potentíssima e não há necessidade de desenvolvê-la e largá-la com fábulas. Ao contrário, cabe ser refreada e submetida a regras, sem deixá-la inteiramente desocupada.

Já sobre o fortalecimento da atenção, o filósofo alemão afirma que esta precisa ser reforçada e afirma que:

Em relação ao fortalecimento da atenção, note-se que ela precisa ser geralmente reforçada. Unir fortemente os nossos pensamentos a um objeto não é bem um talento, mas antes uma fraqueza do nosso sentido interior, o qual se apresenta indócil, e não se deixa conduzir a nosso talante. A distração é inimiga de qualquer educação. A memória supõe a atenção. (KANT 2006, p. 69)

O autor destaca e divide em três as *potências do entendimento*: o próprio entendimento, a faculdade de julgar e a razão. Diz ele (KANT 2006, p. 69) que “*pode-se começar formando, ainda que passivamente, o entendimento, citando exemplos que se apliquem a uma regra ou, ao contrário, a regra que se aplique a exemplos particulares.*” Já com relação a faculdade de julgar, o filósofo alemão destaca que esta “*mostra o uso que se deve fazer do entendimento. É necessário para se compreender bem o que se aprende ou se diz, e para não repetir dos outros o que se não entendeu.*” (KANT 2006, p. 69-70) Sobre a razão, afirma que é uma razão prática em sua economia e em sua disposição e que devemos entender os

seus princípios, visto que não se trata de uma razão especulativa, mas sim de uma reflexão sobre o que se está analisando, sobre as suas causas e seus efeitos.

A razão faz conhecer os princípios. Mas é preciso ter em conta que aqui se trata de uma razão ainda dirigida. Esta não deve pretender sempre discorrer, mas ter o cuidado de não se exercer sobre aquilo que é superior aos conceitos. Aqui não se trata da razão especulativa, mas da reflexão a respeito do que acontece segundo as suas causas e seus efeitos. Trata-se de uma razão prática em sua economia e em sua disposição. (KANT, 2006, p. 70)

Ainda sobre as potências do entendimento do ser humano o filósofo alemão afirma que:

Entre as potências do entendimento, figura o entendimento a faculdade de julgar e a razão. Pode-se começar formando, ainda que passivamente, o entendimento, citando exemplos que se apliquem a uma regra ou, ao contrário, a regra que se aplique a exemplos particulares. A faculdade de julgar mostra o uso que se deve fazer do entendimento. É necessária para se compreender bem o que se aprende ou se diz, e para não repetir dos outros o se não entendeu. (KANT 2006, p. 69-70)

Na obra o autor (KANT 2006, p. 70) afirma que, para se cultivar as potências da índole deve-se fazer por si mesmo o que se quer fazer. O melhor modo de aprender é fazendo. Aprende-se mais solidamente e se grava de modo mais estável o que se aprende por si mesmo. Poucas pessoas se encontram nessa situação, são os chamados autodidatas. No cultivo da razão é preciso praticar o modelo socrático, onde se extrai das pessoas os fundamentos da razão do que se está questionando. Neste o autor (KANT 2006, p. 70-71) afirmou que:

No cultivo da razão é preciso praticar o método socrático. Este, que se nomeava parteiro dos conhecimentos dos seus ouvintes, nos seus diálogos, que Platão de algum modo nos conservou, nos dá exemplos de como se pode guiar até mesmo pessoas idosas para retirar muita coisa de sua própria razão. Em muitos pontos não é necessário que as crianças exercitem a razão. Não devem subtilizar sobre todas as coisas. Não necessitam conhecer os fundamentos de tudo que pode aperfeiçoá-las; mas, quando se trata do dever, é necessário fazê-las conhecer os princípios. Contudo, devemos proceder de tal modo que busquem por si

proceder de forma a perseguir por si mesmas esses conhecimentos, ao invés de inculcar-lhos. O método socrático deveria constituir a regra do método catequético. Aquele é certamente vagaroso e se torna difícil conduzi-lo de tal modo que, quando se extraia de uma pessoa os conhecimentos, os outros também aprendam algo nessa ocasião. Em algumas ciências, como no ensino da religião revelada, o método mecânico catequético é também útil. Na religião geral, ao contrário, deve-se usar o método socrático. Mas, para os estudos de caráter histórico, o método mecânico catequético é recomendável de referência. (KANT 2006, p. 70-71)

No cultivo das potências da índole o filósofo se manifestou textualmente como abaixo destacado:

Kant (2006) trata, também, da formação do sentimento do prazer e do desprazer, novamente voltando ao fato de que se deve acostumar as crianças a trabalhar, evitando que fiquem mimadas. E adverte que não se deve tornar as crianças tímidas com repreensões desnecessárias e sem propósito, destacando que a melhor maneira é conversar sobre o assunto e que só se deve deixar uma criança ruborizada quando esta estiver mentindo. Não se deve, porém, fazer todas as vontades das crianças, sobre penas de acostamá-las pessimamente, e também não se deve negar-lhes tudo com o pretexto de está-las educando; Isso as deixara revoltadas, com o sentimento de que na infância foram injustiçadas. (KANT 2006, p. 71 a 75)

Já sobre a cultura moral o autor afirma que: *“A cultura moral deve-se fundar sobre máximas, não sobre a disciplina. Esta impede os defeitos; aquelas formam a maneira de pensar. É preciso proceder de tal modo que a criança se acostume a agir segundo máximas, e não segundo certos motivos.”* (KANT 2006, p. 75) Ainda sobre as máximas Kant (2006) cita o exemplo destacado abaixo: *“Quando uma criança mente, por exemplo não se deve punir, mas tratá-la com desprezo, dizer que no futuro não mais acreditaremos nela, e semelhantes. Mas se a castigarmos, quando procede mal, e a recompensamos, quando procede bem, então ela fará o certo para ser bem tratada.”* (KANT 2006, p. 75)

Se castigarmos a criança por ela ter mentido no futuro quando adulta não houver mais castigo e nem recompensas ela voltará ao velho costume de mentir sem pudor. As máximas são extraídas do próprio homem e às crianças devem ser

ensinadas as idéias do bem e do mal e se quiser formar uma idéia de moralidade não se deve punir a criança, mas sim orientá-la. O primeiro esforço da cultura moral é a formação do caráter que consiste em agir segundo certas máximas.

As máximas são deduzidas do próprio homem. Deve-se procurar desde cedo inculcar nas crianças, mediante a cultura moral, a idéia do que é bom ou mal. Se se quer fundar a moralidade, não se deve punir. A moralidade é algo tão santo e sublime que não se deve rebaixá-la, nem igualá-la à disciplina. O primeiro esforço da cultura moral é lançar os fundamentos da formação do caráter. O caráter consiste no hábito de agir segundo certas máximas. Estas são, em princípio, as da escola e, mais tarde, as da humanidade. Em princípio, a criança obedece a leis. Até as máximas são leis, mas subjetivas; elas derivam da própria inteligência do homem. Nenhuma transgressão da lei da escola deve ficar impune, mas seja a punição sempre proporcional à culpa. (KANT, 2006, p. 76)

Kant (2006) encerra o capítulo sobre a educação física discorrendo sobre a obediência e o castigo, tanto das crianças como dos adolescentes, e concluindo, afirma que a criança deve ser criança e não ter comportamento fora da sua idade, pois, muitos pais se vangloriam quando o seu filho se parece com um adulto, ou seja, antes do tempo, o que é muito prejudicial para o seu desenvolvimento, pois: *“uma criança assim conformada não se tomará jamais um homem ilustrado e de mente serena.”* (KANT 2006, p. 83)

3. SOBRE A EDUCAÇÃO PRÁTICA

Aqui vamos apresentar o segundo capítulo do livro “Sobre a Pedagogia”, no qual Kant (2006, página 85) discorre sobre a educação prática. Pertencem a esta educação 1. a habilidade; 2. a prudência; 3. a moralidade.

No que concerne à habilidade, o autor diz que esta deve ser sólida e não passageira. Não demonstre que é capaz de realizar algo que não pode realizar.

No que toca à *habilidade*, requer-se que seja sólida e não passageira. Não se deve mostrar ares de quem conhece algo que não se possa depois traduzir em ações. A habilidade deve, antes de mais nada, ser bem fundada e tornar-se pouco a pouco um hábito do pensar. É o elemento essencial do caráter de um homem. A habilidade é necessária ao talento. (KANT, 2006, p. 85)

A prudência é a arte de utilizar-se da nossa habilidade sobre os outros para servimo-nos deles em proveito próprio, para atingir os nossos objetivos.

A *prudência* consiste na arte de aplicar aos homens a nossa habilidade, ou seja, de nos servir dos demais para os nossos objetivos. Para isso são necessárias muitas condições. A habilidade vem propriamente em último lugar no homem, mas pelo seu valor fica em segundo. (KANT, 2006, p. 85)

Já sobre a moralidade, o filósofo alemão destaca que esta diz respeito ao caráter onde as paixões devem ser domadas.

A *moralidade* diz respeito ao caráter. *Sustine, abstine*: essa é a maneira de se preparar para uma sábia moderação. Se se quer formar um bom caráter, é preciso antes domar as paixões. No que toca às suas tendências, o homem não deve deixá-las tornarem-se paixões, antes deve aprender a privar-se um pouco quando algo lhe é negado. *Sustine* quer dizer: *suporta e acostuma a suportar!* (KANT, 2006, p. 86)

Portanto, a formação de um bom caráter, passa primeiro pelo domínio das paixões. Pela privação de algumas coisas, é necessária muita coragem e uma certa inclinação. O autor (KANT 2006, p. 86) assim se manifesta: "Para se aprender a se privar de alguma coisa é necessário coragem e uma certa inclinação. É preciso acostumar-se às recusas, à resistência, etc." Ter que se habituar às contrariedades e aos obstáculos. Não é só com abstinência que um caráter é formado. Afirma que este é um formato também na sociabilidade. E qual a etapa suprema da moralização? Sobre tal indagação, onde deve haver a consolidação do caráter do ser humano, o filósofo alemão afirmou que:

A etapa suprema é a consolidação do caráter. Consiste na resolução firme de querer fazer algo e colocá-lo realmente em prática. (...). Se, por exemplo, prometi algo a alguém, devo manter minha promessa, mesmo que isso acarrete algum dano. Porque um homem que toma uma decisão e não a cumpre, não pode ter confiança em si mesmo. (KANT 2006, p. 87)

Kant (2006, p. 89) também diz que se quisermos solidificar o caráter moral das crianças, é preciso ensinar a elas os deveres a cumprir. "*Esses deveres são aqueles costumeiros, que as crianças têm em relação a si mesmas e aos demais. Eles se deduzem da natureza das coisas.*" Tais são os *deveres para consigo mesmas* e *deveres para com os demais*. (KANT 2006, p. 89-90) Sobre os *deveres para consigo mesmas* temos que a pessoa deve ser comedida e sóbria consigo mesma, "*conservar uma certa dignidade interior, a qual faz do homem a criatura mais nobre de todas; é seu dever não renegar em sua própria pessoa essa dignidade da natureza humana.*" (KANT 2006, p. 89) Já sobre os "*deveres para demais*" este devem ser "*inculcados desde cedo nas crianças o respeito e atenção aos direitos humanos e procurar assiduamente que os ponha em prática.*" (KANT 2006, p. 90)

Ainda sobre os deveres para consigo mesmo e para com os demais, apresenta-se abaixo um trecho em que Kant (2006, p. 91) cita Crugott:

Muitos autores omitiram, ou explicaram falsamente, como Crugott, a parte da moral que compreende a doutrina dos deveres para consigo mesmo. O dever para consigo mesmo, porém, consiste, diríamos, em que o homem reserve a dignidade humana em sua própria pessoa. O homem, quando tem diante dos olhos a idéia de humanidade, critica a si mesmo. Nessa idéias ele encontra um modelo, com o qual se compara a si mesmo. Quando cresce em anos e começa a fazer-se sentir a inclinação ao sexo, então, é o momento crítico, em que semente a idéia de dignidade humana é capaz a de conter o jovem. É preciso adverti-lo desde logo a evitar tal ou qual ação.

A transformação na maneira de pensar e fundamentar solidamente o caráter de uma pessoa se faz presente, tanto na Religião, nos limites da simples razão, bem como também quanto na obra do filósofo alemão em *Sobre a Pedagogia*. Portanto, o emprego da *formação moral* como meio para a educação do homem não é uma metáfora, mas sim é direto e incisivo. O autor afirma que existe uma educação especial que pode transpassar as causas naturais e as circunstâncias temporais, até se chegar ao modo do agente pensar, e à formação plena do seu caráter moral. A educação moral é bem-sucedida na medida em que alcança esse objetivo.

Segundo o filósofo alemão, falta em nossas escolas uma coisa muito importante e indispensável que é a honestidade, ou seja, ensinar as crianças desde muito pequenas a virtude da honestidade, visto que é muito difícil uma pessoa já adulta e desonesta largar esse vício e passar a praticar incondicionalmente a virtude da honestidade, da moral e da ética.

Com relação à honestidade, o autor cita alguns exemplos, após fazer um questionamento sobre se algo é justo ou injusto? Por exemplo:

Se alguém, (...), que devesse pagar hoje ao seu credor, fica comovido à vista de um infeliz e lhe dá a quantia que deve pagar ao credor, está fazendo algo justo ou não? Não; injusto, pois se quero praticar a beneficência, devo estar livre de toda dívida. Se dou dinheiro a um pobre, faço algo meritório; mas, pagando a dívida, cumpro um dever. Mais: é permitido mentir por necessidade? Não. Não se poderia conceber um único caso que se pudesse justificar, pelo menos diante das crianças; pois que, de outro modo, estas tomariam a menor coisa por necessidade e se permitiriam mentir freqüentemente. (KANT, 2006, p. 91-92)

Sobre a obrigação de fazer beneficência, diz que, este é um dever imperfeito, visto que enfraquece o ânimo das crianças para a prática da beneficência por dever de ajudar ao próximo, transformando tal obrigação em somente religiosa, na intenção de conseguir alguma benevolência divina.

Outro ponto defendido pelo autor (KANT 2006, p. 92-94) é que, não se deve incitar nas crianças o sentimento da inveja, incutindo nelas a prática da emulação mal aplicada e, de modo algum, é permitido a uma criança humilhar a outra, afastando-a de toda soberba baseada nas vantagens da sorte. Deve sim solidificar cada vez mais a franqueza nas crianças. É necessário fazer a distinção entre franqueza e arrogância, pois é nesta distinção que consiste a diferença diante dos juizes dos outros.

Na visão do filósofo alemão os apetites humanos estão relacionadas a liberdade e ao poder sendo estes formais. Já os apetites humanos relacionados a um objeto o filósofo afirma que este são os apetites humanos materiais. Textualmente Kant afirma que: *“todos os apetites humanos são ou formais (liberdade e poder), ou materiais (relativos a um objeto), como desejos de adulação ou de prazer; ou, finalmente, dizem respeito à simples duração dessas duas coisas, como elementos da felicidade.”* (KANT 2006, p. 94)

Ainda sobre os apetites humanos o filósofo alemão os divide em três espécies, quais sejam: a) a primeira espécie está relacionada com a ambição das honras, do poder e das riquezas; b) a segunda espécie estão relacionados os apetites relativos ao prazer sexual (volúpia), do gozo material (bem-estar material) e do gozo social (gosto do entretenimento); e enfim c) aos desejos da terceira espécie estão relacionados o amor à vida, à saúde, à comodidade (estar livre de preocupações no futuro). Os vícios são: ou os da malignidade, ou os da baixeza, ou os de estreiteza de ânimo. O autor (KANT 2006, p. 94-95) afirma textualmente que:

São apetites da primeira espécie: a ambição das honras, do poder e a das riquezas. Pertencem à segunda espécie os apetites: do prazer sexual (volúpia), do gozo material (bem-estar material) e do gozo social (gosto do entretenimento). São, enfim, desejos da terceira espécie: o amor à vida, à saúde, à comodidade (estar livre de preocupações no futuro). Os vícios são:

ou os da malignidade, ou os da baixaza, ou os de estreiteza de ânimo. À primeira espécie pertencem a inveja, a ingratidão e a alegria pela desgraça alheia. À segunda, a injustiça, a infidelidade (falsidade), a incontidência, tanto na dissipação dos próprios bens como na da própria saúde (intemperança) e da própria reputação. À terceira, a dureza de coração, a avareza e a preguiça (moleza). As virtudes são: ou de puro mérito, ou de estrita obrigação, ou de inocência. A primeira classe compreende: a magnanimidade (que consiste no conter-se, seja na cólera, seja no amor da comodidade e das riquezas), a beneficência e o domínio de si mesmo. Pertencem à segunda classe: a lealdade, a decência e a pacificidade. Pertencem, enfim, à terceira classe: a honradez, a modéstia e a temperança.

Kant (2006) faz menção aos vícios e as virtudes citando alguns vícios e algumas virtudes e em seguida pergunta se "*o homem é moralmente bom ou mau por natureza?*" Responde ele dizendo que o homem não é nem bom nem mau por natureza. Ele torna-se moral através da sua razão, relacionando-a com a lei. Textualmente abaixo apresentamos a afirmação do autor:

Os vícios são: ou os da malignidade, ou os da baixaza, ou os de estreiteza de ânimo. À primeira espécie pertence a inveja, a ingratidão e a alegria pela desgraça alheia. À segunda a injustiça, a infidelidade (falsidade), a incontidência, tanto na dissipação dos próprios bens como na da própria saúde (intemperança) e da própria reputação. À terceira, dureza de coração, a avareza e a preguiça (moleza). As virtudes são: ou de puro mérito, ou de estrita obrigação, ou de inocência. A primeira classe compreende: magnanimidade (que consiste no conter-se, seja na cólera, seja no amor da comodidade e das riquezas), a beneficência e o domínio de si mesmo. Pertencem à segunda classe a lealdade, decência e a pacificidade. Pertencem, enfim, à terceira classe: a honradez, a modéstia e a temperança. (KANT, 2006, páginas 94-95)

Por natureza, o homem traz inculcido em si tendências para todos os vícios com inclinações e instintos que o impulsionam para um lado, enquanto sua razão o impulsiona para o lado contrário. Portanto, o homem pode se tornar moralmente bom se fizer a escolha moralmente boa para as suas atitudes sufocando os seus malévolos vícios e priorizando as virtudes. Sobre o questionamento feito pelo autor (KANT 2006, p. 94-95) que é questionado se o homem é bom ou mau por natureza destaca-se abaixo o posicionamento textual do filósofo:

O homem é moralmente bom ou mau por natureza? Não é bom nem mau por natureza, porque não é um ser moral por natureza. Torna-se moral apenas quando eleva a sua razão até os conceitos do dever e da lei. Pode-se, entretanto, dizer que o homem traz em si tendências originárias para todos os vícios, pois tem inclinações e instintos que o impulsionam para um lado, enquanto sua razão o impulsiona para o contrário. Ele, portanto, poderá se tornar moralmente bom apenas graças à virtude, ou seja, graças a uma força exercida sobre si mesmo, ainda que possa ser inocente na ausência dos estímulos.

Em seu entendimento: “*A maior parte dos vícios deriva daquele estado de civilização que violenta a natureza; e é nossa destinação, como seres humanos, sair do estado natural de barbárie animal. A arte toma-se natureza.*” (KANT 2006, p. 95-96)

O filósofo alemão afirma que tudo depende do estabelecimento dos bons princípios e que estes sejam compreendidos pelas crianças. Estas devem saber substituir ao ódio o horror do que é nojento e inconveniente, a aversão interior em lugar da aversão exterior diante dos homens e das punições divinas, a estima de si mesmas e a dignidade interior em lugar da opinião dos homens; o valor intrínseco do comportamento e das ações em lugar das palavras e dos movimentos da índole; o entendimento em lugar do sentimento; a alegria e serenidade no bom humor em lugar da devoção triste, temerosa e tenebrosa. O autor destaca que “*é preciso, antes de mais nada, preservar os jovens do perigo de estimar demais os méritos de sorte (merita fortunae).*” (KANT 2006, p. 96)

O autor se posiciona, sobre a educação, na forma como apresentado abaixo, em texto extraído da sua obra:

Na educação tudo depende de uma coisa: que sejam estabelecidos bons princípios e que sejam compreendidos e aceitos pelas crianças. Estas devem aprender a substituir ao ódio o horror do que é nojento e inconveniente; a aversão interior em lugar da aversão exterior diante dos homens e das punições divinas; a estima de si mesmas e a dignidade interior em lugar da opinião dos homens; o valor intrínseco do comportamento e das ações em lugar das palavras e dos movimentos da índole; o entendimento em lugar do sentimento; a alegria e serenidade no bom humor em lugar da devoção triste, temerosa e tenebrosa. (KANT, 2006, página 96)

Aqui cabe um questionamento: A virtude pode ser ensinada e a liberdade aprendida? Para o filósofo, a virtude tem como significado o fortalecimento da moral da vontade. A virtude é a força moral da vontade de um homem no cumprimento do seu dever, que é coerção moral de sua própria razão legisladora na medida em que esta se constitui a si mesma como poder executivo da lei. A virtude não é um dever, ou possuir virtude não é um dever, mas ela manda e acompanha seu mandato com uma coerção moral. Quando o homem enfrenta coerção irresistível, exige-se dele uma fortaleza, que somente poderemos admirar a sua grandeza diante dos obstáculos por ele enfrentados quando provoca sobre o homem as suas inclinações.

Assim, pois, os vícios ocultos nas intenções contrárias à lei são os desvios de condutas que o homem tem que combater. Daí que a fortaleza moral, entendida como valor (*fortitudo moralis*), constituída nas palavras do filósofo, também de suprema honra guerreira do homem e a única verdadeira. Também se chama a verdadeira sabedoria, isto é, sabedoria prática, porque faz seu o fim último a existência do homem na terra. Somente possuindo-a o homem é livre.

Kant (2006) afirma que a virtude deve ser adquirida e que ela não é inata. A faculdade moral do homem não seria a virtude, se ela não fosse produzida pela força da resolução nos conflitos com as inclinações que podem ser contrárias ao dever. Ela é produto da razão pura prática na medida em que esta conquista, com consciência de sua superioridade (pela liberdade), o poder supremo sobre tais inclinações.

Sim, a virtude pode ser ensinada. Segundo o filósofo, a cultura da virtude possui como princípio o exercício vigoroso, firme e corajoso que é a sentença dos estóicos onde deve-se habituar a suportar os maus contingentes da vida e a afastar-se dos gozos supérfluos. Segundo ele, trata-se aqui de um tipo de dietética para o homem, que consiste em se conservar moralmente são. Mas a saúde é um bem-estar negativo, não pode ela própria ser sentida. É necessário que alguma coisa a ela se atrele, que procure um contentamento para viver e que seja, portanto, puramente moral. Kant assegura que isso é um coração sempre alegre.

Com relação à educação religiosa para as crianças, o autor (KANT 2006, p. 96) traz o questionamento: “*é possível inculcar desde cedo nas crianças os conceitos religiosos?*” Temos aqui uma questão muito antiga e disputada, visto que os conceitos religiosos supõem alguma Teologia. Neste sentido, o filósofo (KANT 2006, p. 96-97) faz outros questionamentos: “*ora, dever-se-ia ensinar uma Teologia no início da infância, quando ainda não conhece o mundo e sequer a si mesma? As crianças, as quais não têm ainda a noção do dever, poderiam entender um dever direto em relação a Deus?*” (ibidem) Em suma, para ele, as crianças não podem ser alienadas sobre a existência de Deus sob penas de no futuro isso apresentar-se como um grande problema social.

O que acontece certamente é que, se fosse possível acontecer que as crianças jamais estivessem presentes a ato algum de veneração ao Ente Supremo, e não ouvissem jamais pronunciar o nome de Deus, seria, então, consentâneo à natureza das coisas atrair primeiro a atenção para os fins e para tudo quanto se relaciona ao homem, exercitar o seu julgamento, instruí-las a respeito da ordem e da beleza da natureza, acrescentar depois um conhecimento mais vasto e perfeito do sistema do universo, e chegar, assim, ao conceito de um Ente Supremo, de um Legislador. Mas, porque nada disso é possível na nossa presente situação, assim, se se quisesse ensinar-lhes apenas depois algo sobre Deus e elas ouvissem o nome de Deus e contemplassem os atos de devoção a Ele, isso produziria nelas ou uma grande indiferença ou conceitos falsos, como, por exemplo, o temor do poder de Deus. Ora, porque se deve evitar que tais conceitos se instalem na imaginação das crianças, deve-se, para evitá-los intentar desde cedo, inculcar-lhes os conceitos religiosos. O que, por outro lado, não deve ser um mero exercício da memória, nem também uma simples imitação e macaqueio, mas, ao contrário, o caminho escolhido precisa concordar sempre com a natureza. As crianças, mesmo não tendo ainda o conceito abstrato do dever, da obrigação, da conduta boa ou má, entendem que já uma lei do dever e que esta não deve ser determinada pelo prazer, pelo útil ou semelhante, mas por algo universal que não se guia conforme os caprichos humanos. Antes, o próprio mestre deve formar para si mesmo esse conceito.” (KANT, 2006, páginas 97-98)

Com relação aos ensinamentos sobre Deus para as crianças, Kant (2006, p. 98) diz que, em primeiro lugar, que tudo deve ser relacionado com a natureza e esta, a Deus, como, por exemplo, deve ser ensinado: “*em primeiro lugar, tudo deve ser referido à natureza e esta a Deus, como por exemplo: primeiramente, que tudo está disposto para a conservação das espécies e seu equilíbrio, mas indiretamente para o homem, a fim de que ele se faça feliz.*” Pois bem, para Kant

(ibidem) *“o melhor modo de dar um conceito claro de Deus seria compará-lo desde cedo por analogia ao conceito de pai, sob cujos cuidados estamos; chega-se, assim, com felicidade a uma unidade do gênero humano como uma só família.”*

O filósofo alemão (KANT 2006, p. 98) também questiona: “Em que, afinal consiste a religião?” Ele responde dizendo que é uma lei que existe em nosso interior e que é imposta por um legislador divino sobre a nossa lei moral. Se uma religião não se entende com a moral então ela é apenas uma solicitadora de favores. Não é possível agradar a Deus se não nós tornarmos melhores. Sobre este assunto o autor (KANT 2006, p. 98-99) assim se manifestou textualmente:

Em que, afinal, consiste a religião? Esta é a lei que reside em nós mesmos, na medida em que recebe de um legislador e de um juiz a autoridade que tem sobre nós; é uma moral aplicada ao conhecimento de deus. Se uma religião não se une à moral, então ela se torna simplesmente um modo de solicitar os favores. Os cânticos, as preces, o freqüentar a igreja, tudo isso deve servir unicamente para dar aos homens novas forças e nova coragem para se tornarem melhores; ou ser a expressão de um coração animado pela representação do dever. Tudo isso é preparação para as boas obras, mas não é boa obra em si. Não podemos agradar ao Ser Supremo, a não ser tornando-nos melhores.

Segundo o autor a nossa lei moral deve ser estimulada e se uma religião não tiver uma lei moral que a embase, esta não terá eficiência, ou seja, será ineficaz. Sobre os jovens adolescentes, Kant afirma que estes devem ser orientados para o bom humor. A alegria do coração deriva da consciência tranqüila, da igualdade de humor. Pode-se levar o jovem adolescente pelo caminho do exercício para se tornar membro conveniente da sociedade. Também é muito importante a orientação ao jovem adolescente conscientizando este a considerar uma ação como valiosa, não porque se adapta à sua inclinação, mas porque é através dela que ele cumpre o seu dever. Outra orientação para o jovem adolescente é o caminho da humildade no trato com os outros, aos sentimentos cosmopolitas. Em nossa alma há qualquer coisa que chamamos de interesse: primeiro por nós próprios, segundo por aqueles que conosco cresceram e terceiro e por fim, pelo bem universal. É preciso fazer os jovens conhecerem esse interesse para que eles possam por ele se animar. Eles devem alegrar-se pelo bem geral, mesmo que não seja vantajoso para a pátria,

ou para si mesmo. Convém orientá-los a dar pouco valor ao gozo dos prazeres da vida. Assim, perderá o temor pueril da morte. É preciso demonstrar aos jovens que o prazer não deixa conseguir o que a imaginação promete. É preciso, por fim, orientá-los sobre a necessidade de, todo dia, examinar a sua conduta, para que possam fazer uma apreciação do valor da vida, ao seu término.

Estas são as últimas orientações com que o filósofo alemão encerra o segundo e último capítulo de seu livro. São destacadas as orientações as quais os jovens devem seguir para a sua formação moral, o seu perfeito enquadramento como ser ético em sociedade e em busca da paz perpétua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza pode ser vista sobre dois aspectos. Primeiramente sob o aspecto geral onde são englobados todos os elementos que formam o conjunto físico da natureza que são os animais, os vegetais, os minerais, os rios, os lagos, as águas em geral, os astros, o subsolo, etc. Neste sentido, o homem faz parte da natureza e está submetido às suas leis, assim como todos os outros integrantes da natureza.

Em um segundo aspecto, a natureza pode ser vista como a natureza humana, aquilo que é inerente ao próprio homem e é por este motivo que o homem é um ser diferenciado dos demais, visto que mesmo fazendo parte da natureza é ele que, através da educação e da investigação dos fenômenos naturais, tenta explicar e demonstrar o resultado das pesquisas filosóficas. É através deste processo de investigação que o homem consegue viver em sociedade e construir o seu próprio futuro e tudo isso se dá através da educação.

Portanto, tem-se a educação como fundamental para a formação do homem e em "*Sobre a Pedagogia*" (2006) de Kant, este destaca que a educação é e sempre foi imprescindível nas reflexões filosóficas, direta ou indiretamente, motivo pelo qual tal obra foi selecionada para servir como fundamentação para este trabalho de pesquisa.

Nos dias atuais, com o avanço tecnológico das comunicações, das telecomunicações e da Internet, as denúncias de corrupção e falta de ética e moralidade, principalmente nos meios políticos e na administração pública, se avolumaram, onde a população tem uma maior facilidade de acesso às notícias sobre a falta de ética e decoro por parte dos agentes públicos. Também são divulgadas largamente notícias acerca dos casos em que os agentes privados participam dos esquemas de corrupção em nosso país e por que não dizer também no mundo. Está mais evidente a falta de moralidade do homem. Será que esta falta de ética é de sua natureza ou é proveniente da educação? Por isso é que o presente

trabalho trás a singela pretensão de ser um contributo, como ponto de partida, para uma maior reflexão acerca do papel da educação na formação moral do homem.

Nesta crise de valores éticos que atualmente a humanidade vem enfrentando, podem ser vistos filósofos que tentam justificar determinados sistemas de governos, sociais e econômicos defendendo valores particulares. Em contrapartida, temos outros filósofos que tentam criar verdades absolutas e universais sem levar em considerações as diferenças culturais e religiosas, tal vindo do filósofo alemão, que teve a preocupação de fundamentar os valores que deveriam ser utilizados para direcionar a práxis humana. Foi na obra "*Sobre a Pedagogia*" (2006) que o autor afirmou que o homem só se torna plenamente humano se for através da educação, que não deve ser entendida somente como a educação formal das escolas, mas sim de toda educação dispensada ao ser humano desde o seu nascimento até que se torne plenamente adulto e capaz.

Tendo por base os fatos apresentados sobre a grave problemática da crise de moralidade pela qual atravessa a humanidade, somos da opinião de que esta crise sempre existiu e somente não era divulgada pela falta de acesso por parte da população aos crimes éticos que acometiam ao poder público constituído e a falta de moralidade por parte dos entes privados.

A maior gravidade educacional enfrentada pela humanidade nos dias atuais, além de outras, está dentro do próprio sistema educativo vigente, onde a educação se tornou um comércio capitalista cruel, priorizando-se muito mais a obtenção de lucros financeiros do que o objetivo de alcançar os resultados intelectuais e culturais na formação moral e ética do homem. Tal *status quo* confronta o que Kant defendeu em sua obra "*Sobre a Pedagogia*" (2006), para o filósofo, o fim último da educação é levar o sujeito a agir conforme leis morais, dadas por ele mesmo. Portanto é com Kant, que neste trabalho tenta-se uma ajuda no intuito de se compreender melhor, com suas conclusões acerca da pedagogia, o sentido de educar o homem para a vida moralmente ética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª edição. São Paulo-SP. Editora Martins Fontes, 2007.
2. CAYGILL, Howard. **Dicionário Kant**. Tradução Álvaro Cabral. Revisão técnica Valério Rohden. Rio de Janeiro-RJ. Editora Jorge Zahar Editor. 2000.
3. COELHO, Ronaldo Sérgio de Araújo. **Manual de Apresentação de Trabalhos Técnicos, Acadêmicos e Científicos**. Curitiba-Pr. Editora Juruá. 2009.
4. KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 5ª edição. Piracicaba-SP. Editora Unimep. 2006.